

# RODRIGO DE HARO

folias do ornitorrinco



## Folias do ornitorrinco

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Alvaro Toubes Prata*

Vice-Reitor

*Carlos Alberto Justo da Silva*

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

*Sérgio Luiz Rodrigues Medeiros*

Conselho Editorial

*Maria de Lourdes Alves Borges* (Presidente)

*Carlos Eduardo Schmidt Capela*

*Clélia Maria Lima de Mello Campigotto*

*Ione Ribeiro Valle*

*João Pedro Assumpção Bastos*

*Luís Carlos Cancellier de Olivo*

*Miriam Pillar Grossi*

*Sérgio Fernandes Torres de Freitas*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

Caixa Postal 476

88010-970 – Florianópolis-SC

Fones: (48) 3721-9408, 3721-9605 e 3721-9686

Fax: (48) 3721-9680

[editora@editora.ufsc.br](mailto:editora@editora.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

Rodrigo de Haro

## Folias do ornitorrinco

© 2011 Rodrigo de Haro

Direção editorial:

*Paulo Roberto da Silva*

Capa:

*Maria Lúcia Iacziński*

Editoração:

*Cristiano Tarouco*

Revisão:

*Flavia Vicenzi*

Ficha Catalográfica

(Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina)

---

H292f Haro, Rodrigo de, 1941

Folias do ornitorrinco / Rodrigo de Haro. – Florianópolis :  
Ed. da UFSC, 2011.

88 p.

1. Poesia catarinense. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1

---

ISBN 978-85-328-0579-9



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

Em memória de Martinho de Haro.



*Mesmo tudo nada é.*  
Santa Teresa de Ávila



## Sumário

Magistério .	13
Inseto .	14
Imagem Piedosa .	15
Jogo .	16
Vigia .	17
Na mesa da copa .	18
Cantar é inútil .	19
Caleidoscópio .	20
Galeão .	21
Para acordar o novo canto .	22
Sobre um versículo do Eclesiastes .	23
Poesia excluída da Natura .	24
La Tête du Belier .	25
Erasmus .	26
Hodie! .	27
Anedota .	28
Alumette .	29
Eco .	30
Reflexão numa taba .	31
Andarilho .	32
Um acidente .	33
Coral .	34
Clepsidra .	35

Chá .	36
Não posso negar .	37
Natureza-morta .	38
Vigília .	39
Coribante .	40
Miragem .	41
Caramujo .	42
Pombo .	43
Buquês .	44
Arlequim .	45
Dama ao volante .	46
Corpo celeste .	47
Trapezista .	48
Na Síria Oriental .	49
Cão dormindo na soleira da porta .	50
Fogo de Artifício .	51
Sino .	52
Tambor .	53
I walk with a zombie .	54
Oficina .	55
Moleiro sonâmbulo .	56
Fisiognomonía .	57
Sonho .	58
Largo 13 de Maio .	59
A cama desfeita .	60

Para Vermeer	. 61
Guardião do Farol	. 62
Dança de Isadora entre as colunas	. 63
O silêncio invade a escrita	. 64
Grito	. 65
Foto num vidro partido	. 66
Do livro mudo	. 67
Grimório	. 68
Dia da Romã	. 69
Genezaireth	. 70
O menino louco	. 71
Cartaz no museu	. 72
Praia da Armação	. 73
O copo na janela	. 74
Livro na mesa do atelier	. 75
Le cerf et la licorne	. 76
O fundo do olho	. 77
Insônia de von Chamisso	. 78
Skiagraphia	. 79
Pinacoteca de Alexandria	. 80
Antigas ruas	. 81
Ur	. 82
Pobre Xantipal	. 83
Na última viagem de Pigafetta	. 84
Ornitorrinco	. 85



## Magistério

Quanto mais subires, maior  
silêncio. A corneta petulante  
não alcança estes páramos.  
Nuvens como rochas e  
último grito – Oh! Água,

gesta impenetrável!

Memórias ainda sangram,  
outrora apetecidas. Consulto  
apenas o sopro

de flautas quebradas.

## Inseto

Esqueça-se a teia.  
Observe-se a aranha,  
suas pernas concêntricas  
de estrela. A vetustez  
enorme da surda  
aranha na parede.

Esqueça-se a vã  
literatura que a per-  
segue com patas  
ligeiras. Traz muita

fortuna a filha  
de Saturno.

## Imagem Piedosa

Espasmos, convulsão, olhar  
preso no alto, a prumo. Cata-  
clisma do lençol onde  
se perdem sangradas mãos  
buscando o seio, furiosas.

A cabeça pendida salta  
do marmóreo pescoço  
sobre o coxim de Paros

com farta marchetaria.

## Jogo

Primeiro amar os dados,  
tutores das moradas. Sempre  
com malícia atirá-los  
sobre a mesa sem ocupar-se  
de outras faces – Onde vais?

Agito o copo,  
atiro as pedras.

Tantos tactos sono-  
rosos trato – dados por  
vertigem lado a lado.

Furtar sem felonía,  
abrir última porta.

## Vigia

*Para Victor*

O vigia dormirá dentro da arca. Saberá  
ele de vinganças mouras, de frutos envenenados?  
A chuva abre picadas na argamassa.  
O vigia, seus pertences: – o capote azul,  
a tosse das madrugadas. Uma caneca,  
o escapulário de Salomão. Ninguém  
te visita por dias inteiros. Em outra parte  
ou fábula, mostras o rosto, retocado  
por ácido silêncio.

Contas os passos e os separas  
da quadratura determinada pelo eco  
no tabuleiro – Tu, prisioneiro

manco, mordomo incapaz de trançar  
cama de gato. Quantas peças tem a casa?  
Quantas vezes elas mudam?  
Sonhas galerias, pátios, alamedas.  
Mas onde dormes tu, vigia  
do museu, macaco do arquiteto?

## Na mesa da copa

O café derramado  
espalha-se na mesa for-  
mando parágrafos.  
Este barco é o Argos

que escorre para baixo  
da mesa em direção  
da Cólquida. O círculo  
estampado pelo pires

é Febo, pai  
da cruel Medeia,  
diz a narrativa.

## Cantar é inútil

Nenhuma linguagem apta  
a traduzir a rápida ária  
do abraço imobilizador

que fátuo gozo arrasta  
através do zodíaco

antes de imobilizar-se  
– por fim – no centro da teia  
onde cristalina aranha  
– meu Deus! – devora  
a si mesma...

## Caleidoscópico

Giras o canulado instrumento,  
caleidoscópico precioso que,  
de ouro e metileno, especula  
jogos infinitos com a luz  
sem repetir

uma única estrela.

## Galeão

Qualquer galeão perfeito  
ou falua sabe atravessar  
a noite escura  
do sono. Outros

mediterrâneos atravessas  
por certo, dobrando o mole  
travesseiro. Muitos perigos  
oferecem escarpas rochosas

se caminhas para trás.

Vozes distantes, lanternas  
agitadas, não podem  
afastar o destino.

## Para acordar o novo canto

Para acordar o novo canto  
deves sacudir os lençóis sujos  
da cinza das janelas e  
arrastar o piano  
inútil, para longe...

Nenhum ruído corta  
o silêncio reverente  
onde brota o novo  
canto energético do cacto

capaz de imobilizar  
cavalo e cavaleiro  
e uma ave no céu

como primeiro  
acorde de clarinete.

## Sobre um versículo do Eclesiastes

A oculta tradição do riso  
é nobre emblema. Confere  
ao sussurro da seda  
seu último propósito.

Liberando a seiva do canal  
das veias, propões, entre batuque

e fado triste, o primeiro  
duelo vitalista: tradição  
do espanto e tradição

do novo – para zombar  
do susto permanente  
dos tolos.

## Poesia excluída da Natura

Qual o mais raro? A samambaia  
ou rígido conceito? Falas, falas...  
E o verbo incerto abandonas  
à lira conceitual e  
seu despeito. Exclui-se

a imagem, o verso é pardo.  
Os cães de Adônis fogem  
pela mata. Falas...  
Contudo a voz te falta  
e a poesia é mera  
disciplina. – Raro?

Incômoda no poema  
a presença da Natura.  
Colher avencas, elegia  
insistente. – Pode mesmo

dizer-se: – a poesia é concreta,  
só letras no papel.  
Festa muito frugal.

## La Tête du Belier

Sou meu próprio princípio  
de regozijo, onde posso arder  
com esperança. Meu horizonte  
é meu silêncio. É força a ser-  
viço da rainha, nossa padroeira.

Ei-la distribuindo minha boa  
lã turva. Indiferente prossigo  
despojado de meus dons.

Silencioso horizonte é outra  
campina azul. Aos cuidados  
da capoeira alada avanço  
contra os muros da aurora

entusiasta e afeito  
aos princípios da virtude.

## Erasmo

Regozija-se sozinho pela tinta preta  
e pela ideia do labirinto. Infinitas  
cadernetas nada provam,  
imóveis no aparador onde  
um rato mastiga pão seco.  
(– mas a tinta veio da China...)

A mão que empunha o cálamo  
é meticulosa e densa  
e muito ágil. A linha

da escrita bem nítida  
não despreza  
irônico floreio.

## Hodie!

Ferido sempre por vidência,  
rípido apelo celebra com  
violas. Nenhuma paz  
na sombra perseguida,  
indício da noite luminosa.

Sobre o peito fria medalha,  
imagem da couraça e  
das sandálias. Mégara.

Damasco. Onde ficam?  
O tempo urge. Aproxima-se  
a balsa da Medusa.

## Anedota

Quem cobiça minha taça  
deseja minha morte – considera  
friorento poeta despossuído.  
– Linda cratera que frio  
comparsa me tomou – por  
minha pobre condição...

Valor – memória. Tudo des-  
materializado por três moedas,  
em forma de linda ária  
maneirista. Agora é tarde.

No cenário de vagos con-  
tornos, entre arcas e cadeiras  
se perseguem velha ratazana  
e um gato cortês.

## Alumette

A eliminação progressiva  
das palavras será o totem  
da reconciliação. Impossível  
regredir até  
nova glassolia.

Em torno do crânio enrolei  
meu colar de mariposas,  
consumi todos os fósforos do dia.

Por isso

cantas ao inacessível  
Deus da fala nas horas  
canônicas. Tudo em vão.  
É tudo em vão.

Impossível correr.

O espocar da chama  
indica o caminho  
de nova serenidade.

## Eco

Corre pelos caniços  
e chama – corre  
o eco  
pelos caniços  
e chama.

## Reflexão numa taba

Não nasci aqui, disse o mais velho  
homem da tribo. Não nascemos  
neste vale insalubre, onde  
prolifera o inseto da maleita.  
Viemos de muito longe:  
– O dossel sobre meu berço  
agitava palmas sedosas. Nada  
era pálido como agora, nem a água  
assim estagnada. Sonho com céus ver-  
melhos, com o tumulto das corredeiras.

A memória é um pano roto  
sobre uma jarra seca. Tontos  
avós sempre vagando... De onde  
viemos? – De teus sonhos,  
ou de lugar nenhum.

## Andarilho

Às vezes abre-se uma porta. Avista-se  
o vestíbulo, uma nesga de salão  
iluminado. Adivinham-se os fastos  
da alegria. Dança-se com elegância  
e gravidade – pois alegria ver-  
dadeira é sempre um pouco  
solene, com certos ares de espanto.

Mas logo fecha-se a porta  
e somente a noite silenciosa  
se estende à nossa volta.

## Um acidente

– Socorro! Brada o espelho.

Impossível atendê-lo  
a tempo. Pedacos de vidro  
espalham-se no chão  
fora da moldura  
desolada.

Os cacos refletem rostos,  
paisagens esquecidas.  
Tudo brilha  
um instante.

Logo desbota  
e desaparece.

## Coral

Cada mão tem cinco dedos,  
o coral fossilizado. Arbóreo  
sobe sempre, imita

a chama. Assombra  
os anjos nos altares  
o coral fossilizado.

Em suas raízes ver-  
melhas o Leviatã  
já se aninha cruel,

protuberante – mas  
bem preso no fundo  
do coral fossilizado.

## Clepsidra

Corre filtrada areia  
na parnasiana clepsidra  
e não o tempo. Enche

o copo vazio, esvazia  
o copo cheio. Lenta rapidez  
apressada vagareza.

Cantando esco  
fulva e perpétua  
a mesma areia.

## Chá

Depois da quinta xícara  
são poucos os que  
contam. Na verdade

dois ou três, pouco  
mais. Olho à volta:  
– Que desastre! Anis  
adulterado e sede  
insatisfeita fazem

o mundo aborrecível.

## Não posso negar

Não posso negar que o apelo  
noturno da Stryx Flammea  
estimula meu desejo  
de voar.

O mundo – transformado em ácido  
desejo – clama por meu canto  
profundo, de cego.

Mas

– Como entreter as sombras?  
Como transmitir minhas queixas  
aos perfeitos? Sob o pátio  
sem rugas, ouço

o apelo do bosque.

## Natureza-morta

Ouve-se o zumbir da mosca  
explícita na lâmina de nata  
seca que arrefece  
na borda da jarra

penumbrista.

Um pouco além está o peixe.  
Prata e cinza. Com auxílio  
da lupa, uma crucificação  
se avista no seu olho  
parado. Frio dolor...

Esvoaçando o inseto pousa  
sobre o talo do cravo  
embriagado, preso

no copo.

## Vigília

Palavras e pedras  
ultrapassam  
tua vida mortal.

Com enfado tomba  
na areia molhada  
duro fruto.

É noite. Ninguém  
cruza o jardim.

## Coribante

Inapelável registro trágico:  
– Um punhado de arroz. Avareza  
da luva roída por insetos verdes.

Nenhuma dádiva na dança.  
Só louca alegria, música dia-  
crônica da correnteza. E

as madeixas que arrancas  
espalhadas pelo caminho  
da noite inviolável.

## Miragem

Fitas a linha ondulante  
no papel e sonhas desterrados,  
os passos na duna. E além  
ergue-se Trebizonda

a Magnífica.

## Caramujo

Ninguém viajou tanto.  
Tuas vozes remotas,  
como decifrá-las?

Cálcio e volutas,  
sopro de mil bocas,  
ninguém viajou tanto.

Frisado, atento  
caramujo – tuas vozes

remotas.

## Pombo

Confirma  
marmóreo pombo  
a circularidade  
da Terra.

Voas luminoso Logos  
de Moçambique  
ao Desterro.

No bico traz  
todos os alfabetos  
do mundo.

## Buquês

– Tenho ciúmes. Sou  
constante. Amo  
à distância.

Rosa, cravo e lírio

em diferentes buquês  
trocam emblemas  
os sonâmbulos amantes.

Da linguagem das flores  
tudo sabe Mlle. Lenormand  
desamada e feia.

## Arlequim

Todas as mensagens  
embaralhadas  
no tricórnio.

Rápida música vestida  
tu passas,  
coberto de pícaros

losangos coloridos.

## Dama ao volante

A vida veloz corre no vidro. Golpes  
certeiros cortam os braços  
da árvore que passa. Desliza  
a terra inteira. Foge  
o tempo astuto sem criar

raízes, sem plantar bandeiras.  
Qualquer sombra é nuvem  
na parede da oficina.

E tu corres, tua echarpe  
branca. Tua face atesta  
a perfeita imobilidade

das coisas sem alma.

## Corpo celeste

Irradia frio o minério  
da estrela. Sussurra  
e pisca o calado  
espectro.

Anônima estrela  
por instantes fulges  
teu epigrama.

## Trapezista

O trapezista cai do alto  
mas o chão logo o devolve  
em estilhaços.

A nuvem e a torrente  
prendem estas facas  
com os dentes

e correm ligeiras  
rumo à face Ab-  
soluta do sol negro.

Em pandemônio água e  
vapor refazem o corpo  
em toda sua dureza.

## Na Síria Oriental

Na semente imortal  
da chama arde  
o nome de Cristo

de olhos rasos  
lunares além  
do fogo

onde abrigamos  
nossa devoção.

Na chama  
toda Esperança.

## Cão dormindo na soleira da porta

Faz-se caracol  
ajusta-se à porta e sonha  
– por que não? – com algumas  
esquinas da acrópole

onde aconchega-se ao manto  
do seu dono, compulsivo  
orador e pícaro vendedor

de sementes trazidas  
da Pérsia.

O cão adormecido  
na soleira da porta  
abre um olho  
e suspira.

## Fogo de Artifício

Um castelo no ar.  
Efêmero, ilusório,  
em chuva se desfaz,  
de lágrimas

e tomba lentamente  
sobre o jardim  
maravilhado.

## Sino

Vibra a corda do sino  
ainda imóvel  
na tarde

e tomba.

Trançada corda do sino  
inclinas  
a abóboda celeste.

## Tambor

Primordial  
bate nas têmporas  
latejas

seco, sempre  
além das palmas  
vais ruflando.

## I walk with a zombie

Entre a casa branca e o mar  
qual a distância – de noite?  
O sono e a morte  
transmitem o mesmo peso  
nos braços do amante  
tomado pelo vodu.

O mosquito silencioso  
não isola do leito  
o batuque expansivo  
do outro lado da ilha,  
além do calafrio  
no canavial.

Adormecida  
a mulher desliza  
rumo ao encontro  
do Exu Carrefour.

## Oficina

*Para Leonor Scliar*

Da paixão não te privas  
pelo esquadro, nem  
da abelha cuja  
picada

te embriaga, ó lapidário.

Só te enobrece  
esta casta devoção  
pela mentira

– Estrela azul,  
tua força, ó lapidário.

## Moleiro sonâmbulo

O fútil grão de areia des-  
loca sete torres. Muito  
saberás ao fim do dia.  
Em ouro puro trans-  
formas a água corrompida.

Foges agora.

A foice da lua recorrente  
te saúda, pois tudo abandonas.  
Ignaro, apenas cinzas  
conduzes ao moinho

sem ouvir as doces  
canções dos aprendizes.

## Fisiognomonia

Tigres. Asnos. Chacais.  
Todos exibimos na face  
os traços do animal  
armoriado que Gian

Batista Della Porta  
isento de malícia  
localiza, per-  
filado no sangue

demonstrando

a irrecusável verdade  
da fisiognomonia. O tigre.  
O boi. O cão

alado. Rampante. Frívolo  
ou sisudo. Confiante, tor-  
tuoso. Ninguém foge  
do mágico zoológico.

Avestruz, juiz.  
Cão, carcereiro.

## Sonho

Afastam-se passos no cascalho.  
Quem leva nos braços  
o menino-rei?

Pisam de leve os raptores.  
Com mantos largos varrem o chão  
roçando estrelas na areia fosca.

Com dois suspiros chegam ao mar,  
afastam-se lentos num barco aberto  
os arcontes mais dedicados.

Somem nas ondas, somem nas ondas:  
levam consigo num relicário, feliz  
em sonhos, o pequeno rei.

## Largo 13 de Maio

Sob o látego do vento  
o cartaz engomado voa  
para o mar. É sábado.  
Nunca saberei a data  
em que estreou a peça  
ilustre, a história

da cega de Sorrento.

## A cama desfeita

Nestas ondas agitadas engolfam-se moreias  
e procuras em vão lúdicas regatas,  
canoeiros loquazes do meio-dia. Entre  
as dobras revoltas das ondas  
não encontras marcas de repouso.

Olha à tua volta: – onde foram os risos,  
os cantos noturnos, o tataral das velas?  
A praia está vazia. Persistente

trazido pelo vento  
para o perfume dos sargaços,  
em torno da cama desfeita.

## Para Vermeer

A carta da noiva judia, perfumada  
de canela, onde foi que se perdeu?  
Uma só linha apagada faz a vida  
tomar rumo diferente.

A carta que tu procuras  
entre licoreiras perdeu-se  
na mesa do capitão.

Ninguém viu a linda carta  
com aroma desbotado,  
escrita com sete cores  
no outro lado dos mares.

Tão distante foi lacrada  
com cera cor de romã  
esta carta estremecida...

Ninguém sabe dizer nada,  
ninguém traz notícia alguma  
da carta da Bem-Amada.

## Guardião do Farol

Por meses e anos, abres  
o mesmo caderno  
de provérbios

onde se fala  
de algodões salgados  
por ciclones. Caprichoso

anotas relatos paralelos  
ao espelho negro. Infalíveis  
transmutações do touro  
em bronco escaravelho.

Escalas tua vida  
ofuscado pela brancura  
da torre no rochedo.  
Apuras o ouvido

ansioso pelos naufrágios  
que adivinhas.

## Dança de Isadora entre as colunas

O sol como objeto será in-  
clemente, posto que passagem  
e o símbolo me basta como sinal  
de alforria. Emoldura-me

o sol desfigurado pelo punho  
da luz, quebrando, uma a uma,  
as colunas. Na mesma

palavra, sentido oposto.

Salso elemento articulado  
como serrote rasga o peplum,  
entorna os barcos na mesma

paisagem.

Só resistem as colunas  
e o vulto manchado  
dançando no filme.

## O silêncio invade a escrita

O silêncio invade a escrita,  
toma por inteiro a paisagem  
ominosa da caligrafia

como buril, ferindo  
no metal, risca finas es-  
trias e ilumina, com  
ressoante algazarra,

a sisudez cativa da fantasia  
princesca. O silêncio  
invade a escrita e

o invisível molda-se na cera.  
Na penumbra desta operação  
abre-se calado dique

que tudo alaga.

## Grito

Sem troca de sangue  
nenhuma muralha será  
rompida e toda frater-  
nidade impossível  
sem o grito.

Recomenda-se

seguir o curso  
irrecuperável dos rios,  
pois o corpo verdadeiro  
saberá instruir-se

junto aos cínicos.

Difícil somente  
é imitar  
os cães.

## Foto num vidro partido

Libera a imagem, procura  
o esquecimento. Deixa partir  
diante de teus olhos o barco  
ansioso de naufrágios.

Libera esta imagem  
pesarosa dos dias coloridos  
capazes de queimar  
tuas mãos, teus lábios.

Libera as figuras favoritas.  
Deixa elas partirem  
rumo ao esquecimento.  
Nada perguntes...

Dormir, dormir  
como dorme  
um não nascido.

## Do livro mudo

Afirma o narrador em-  
bragado que no princípio  
eram todos felizes. De  
serra em serra, tambores  
repetiam a capital folia  
dos imortais, os Adorados.

Às vezes na curva ines-  
perada da trilha, algum  
crânio limpo coroado  
de lírios afirmava a pre-  
sença primordial do riso.

– A natureza, sentenciava  
a cobra – ou o macaco –, nunca  
acaba de nascer.

## Grimório

Dois pais tem Meroveu no Rio  
Calunga. Mas quem grita?  
– Aquele que morreu.

Chamou o peixe coroadado,  
somente o vento lhe atendeu.  
– E a voz de quem nasceu...

Sobre a mesa leu três pães,  
dobrou a toalha, logo mais  
– todo perfumado – foi  
um pão que apareceu.

Com gratidão, um hino  
ele entoou – soberbo hino  
entoou feliz. Nas águas  
turvas ninguém lhe respondeu.

## Dia da Romã

Dura água de Espanha, fonte  
calada. Trinta moedas me deram  
cortando um ramo, pois  
marrano sou. Conheço

a bússola de areia, roteiro  
circular das chamas.

Sendeiro perfeito é mão ferida,  
incorrupta mão colhida  
por ciência da aurora.  
Semente partida  
na margem do Estige.

Dura água do Estige.

## Genezareth

O mormaço da piscina  
arde mais que a febre  
dos corpos

rotos na batalha.

Panorama de mantos  
úmidos e padiolas. Es-  
cudos cariados, poças  
d'água turva.

De manhã ouviu gritos,  
hinos, aplausos, ecoando.  
Um quarto para as onze  
pediu Fernet Branca e

desceu com o livro, jornais  
óculos escuros,

até a pérgula.

## O menino louco

Fizemos um relicário  
para a alma dos pássaros  
acolhidos com trombetas.  
Macia transparência

do papel diante da janela  
aberta para as amoreiras,  
e um trinado capaz

de acordar os mortos.

## Cartaz no museu

Na dúvida, permite-se sobreviver  
a si mesmo. Abandonar tudo  
para conhecer tudo.

Brindarás ao espanto  
das novas fontes  
de alegria. O mugido

do touro afirma  
o parto de si mesmo  
com a lua entre os cornos,

repleto de temor.

## Praia da Armação

Uma ânfora na porta  
entre o umbral azul  
e a cal do muro  
eleva-se

com duas alças  
e corpo afunilado.  
Apoia-se na aspereza

como dançarina ar-  
caica, tonta de  
silêncio.

## O copo na janela

Pediste um copo d'água  
para mergulhar os olhos.  
Tu, disperso pelas sensações,  
insatisfeito com tudo que  
te oferece o mundo.

E assim foi feito. Mas  
não bebeste. Teu ur-  
gente pedido ali ficou  
pousado na janela, ris-  
cado de gotas ligeiras,

reflexo e suporte  
da paisagem, com ironia.

## Livro na mesa do atelier

*Para meu pai*

Lendo o “Parsifal” manchado  
de aguarrás e tinta escura,  
pelas águas turbulentas  
do Rio Caveiras.

Comentas o espanto repetido  
nos velórios diante  
de vida tão curta, escala

entre dois prantos. Mas ria  
o narrador, folheando  
o amarfanhado volume

de João Grave, com tantas  
roletas e peripécias de Saturno.

## Le cerf et la licorne

Contempla esta tapeçaria, toca  
sinuosa estampa. Admira a trama,  
o esmero do tecelão,  
a ousadia do conceito.  
Os nós da cadeia

oferecem ao olhar e  
ao tacto uma felicidade  
sem par. No campo de folhas  
entrelaçadas com arrebatamento  
descobrimos fios vermelhos,  
azuis, cor de musgo. Ali  
abrigam-se licorna e

galante alce portador  
de duas bandeiras onde lê-se  
que Deus criou tudo.  
Mas – Que Deus? Indaga o impertinente,  
Que Deus? O mecenas  
gratificou o artista.

Mas o secreto esplendor  
a quem pertence?

## O fundo do olho

Dos componentes do olho  
o açúcar impudico, lâmina fixa  
no canal onde perpassa o alarme  
– sinal fixo – é comparsa fatal  
da úmida górgona.

Importante é saber

que o juiz e o carrasco  
do país das aves  
(também o açor)

nunca contraem a pupila.

## Insônia de von Chamisso

A imagem cristalina da Utopia  
me impele fatalmente  
por ilhas novas. Tudo inter-  
rogo: – O pano seco na urna  
de cerâmica. E as muitas  
águas que insetos e  
ossadas vão bebendo.

Sem sombra me alço sobre  
tabas e danças do leopardo.  
Sem sombras, sem vinho,  
sem mãe.

Perdido, na orelha trago  
um ramo verde para  
poder dormir.

## Skiagraphia

A sombra escrita enumera  
os objetos esquecidos por minha  
mão. É preciso mergulhar  
no salgado oceano e  
recuperar a luz  
antiga.

No fundo da gaveta o pente  
de tartaruga contabiliza  
nas vértebras a escala  
da cítara dórica.

Todos olhamos para trás  
enquanto a máscara do sono  
cobre nossa face

suja de lava.

## Pinacoteca de Alexandria

Nunca ardeu a pinacoteca de Alexandria,  
nunca ardeu. Encontra-se dispersa  
entre cosmogonias e alçapões.

Setenta mil retratos da mesma  
criatura em atitudes diferentes,  
agora irrecuperáveis. Na exata  
superfície da cabeça do alfinete

Zózimo de Abdera capturou  
as maravilhas todas de um só rosto.  
Sobre lâminas de cera ardente  
em tabuletas de cedro, registrou  
a máscara do mais volátil  
ser do universo.

Pasmoso acervo do museu errante.  
Empréstimos, embaixadas, roubos...  
E, mais feroz que tudo, o tempo  
dispensou as delicadas maravilhas.

## Antigas ruas

Ruas do Silvado, do Alecrim. Rua  
da Paloma e Rua dos Quartéis  
Velhos – Rua Régia...

Rua do Abandono  
com janelas abertas e  
o vulto ligeiro

de Joaquina Enchova  
escorraçada pelos cães.

## Ur

Onde acaba o culto das estrelas  
começa a manipulação pródiga  
do barro. As mãos crescem  
cruzadas no peito  
sobre as dobras do manto.

E os olhos enormes – ainda tontos  
pelas tropelias dos cometas –  
ponderam sobre  
as possibilidades da lama.

Grava-se na pedra  
o primeiro zodíaco.  
Os astros coadjuvantes  
também zelam pelas  
colheitas.

## Pobre Xantipa!

Deixa os tamancos na porta  
e corre para o tacho bor-  
bulhante de gordura, soda  
cáustica e cinza da encosta,

cinza vulcânica, boa  
para limpar manchas  
de vinho. Ergue a ponta

do avental, enxuga as faces,  
os olhos em fogo. Com  
pá de madeira  
girando na massa fervente

espera o sabão  
ficar no ponto. Pobre,  
pobre Xantipa!

## Na última viagem de Pigafetta

Astuto espevita a lamparina  
enquanto a aurora desatada  
oferece com pálido entusiasmo  
o brilho fosco do futuro

que ainda esconde  
atrozes rompimentos  
e um novo calendário

com entusiasmo afetado. Pros-  
segues se poderes tua viagem!  
– Logo encontrarás sur-  
preso, nenhuma Ilha de Rhodes,  
mas teu ponto de partida.

## Ornitorrinco

Celebremos as núpcias do ornitorrinco  
gentil e pertinaz. Brindemos  
a natura folgazã, que –  
por incansável amor  
ao paradoxo – cheia de  
recursos, concebeu

este jardim de todas as delícias  
com a torre inclinada e  
o tarot de Marselha.

– Mas sobretudo  
criou o ornitorrinco solidário  
elaborado, como todos nós, de  
partes antagônicas para maior

triunfo da unidade, animal  
sonhador que fecunda

e brota de si mesmo.





Este livro foi editorado com as fontes  
Utopia Std e Adobe Garamond Pro.  
Miolo em papel pólen *bold* 90g. Capa  
em cartão supremo 250g. Impresso na  
Gráfica e Editora Copiart em sistema  
de impressão *offset*.



Nenhuma linguagem apta  
a traduzir a rápida ária  
do abraço imobilizador

que fátuo gozo arrasta  
através do zodíaco

antes de imobilizar-se  
– por fim – no centro da teia  
onde cristalina aranha  
– meu Deus! – devora  
a si mesma...

